

O PAPEL DA IDENTIFICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE O ESTAGIÁRIO E O PROFESSOR REGENTE

THE ROLE OF THE IDENTIFICATION IN THE CONSTRUCTION OF THE RELATIONSHIP BETWEEN THE TRAINEE AND TEACHER

Francisca Michelli Lopes¹
Eliana de Mello², Sergio de Mello Arruda³

¹Universidade Estadual de Londrina/Mestrado em Ensino de Ciências e Educação
Matemática/michellibio@yahoo.com.br

²Universidade Estadual de Londrina/Mestrado em Ensino de Ciências e Educação
Matemática/elianamello2004@yahoo.com.br

³Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Física/renop@uel.br

RESUMO

O presente trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento, que focaliza a construção dos saberes docentes na formação inicial de professores de Biologia. Trata-se de um estudo de caso, realizado com um aluno do quarto ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, de uma faculdade da região de Londrina, cujos dados foram obtidos a partir de entrevistas. Como referencial teórico, estamos utilizando o conceito psicanalítico de identificação. Os dados apontam que o estagiário constrói (ou não) o modelo do futuro professor que gostaria de ser a partir de sua identificação (ou não) com o professor regente durante a observação de classe, tendo como pano de fundo sua experiência prévia quando aluno.

Palavras-chave: Formação Inicial de professores de Biologia; observação de classe; saberes docentes; identificação.

ABSTRACT

The present work is part of a master dissertation that focuses the teachers' knowledge construction in a Biology teachers' preparation undergraduate course. It is a case study, of a student that is in the fourth year of the course; the data were obtained from semi-structured interviews accomplished during the month of April of this year. As theoretical framework we are using the psychoanalytical concept of identification. The data points that the student constructs (or not) his model for a teacher through identification (or not) with the teachers during class observation. For this, he takes in consideration his previous experience as secondary student.

Keywords: Biology teachers' formation; class observation; teacher knowledge; identification.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal a apresentação dos resultados parciais de uma pesquisa em andamento que focaliza as dificuldades e expectativas encontradas durante o estágio supervisionado de Biologia. A investigação está relacionada a um programa de pesquisa que visa entender a construção dos saberes docentes por professores de ciências, no início da carreira profissional, tendo como referencial teórico a psicanálise, principalmente de orientação lacaniana.

Como é usual, uma das etapas importantes da prática de ensino é a observação, por parte do estagiário, de aulas de diversos professores. Neste trabalho vamos nos referir principalmente às impressões que um estagiário demonstra ao observar as aulas de dois professores que apresentam diferentes estilos de ensino. Os dados fazem parte de uma dissertação de mestrado em andamento do Programa em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina.

Os resultados parciais aqui discutidos apontam que os estagiários parecem julgar seus professores não através de teorias didático-pedagógicas, ou seja, de uma perspectiva teórica prévia, mas por meio das relações e impactos inter-pessoais que surgem e ocorrem durante a observação, com base em experiências anteriores quando alunos. Tais impressões parecem definir uma certa perspectiva sobre o que é um professor e no modelo futuro de professor, a ser seguido pelos estagiários. Parece-nos que a interpretação para essas observações o conceito de identificação (por enquanto tomado de Freud) é bastante adequado. Nas páginas seguintes, tais conclusões serão explicitadas.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SABERES DOCENTES

Formar professores profissionais capazes de organizar situações de aprendizagem deveria ser, sem dúvida, a abordagem central da maior parte dos programas de formação inicial e continuada de professores, formação esta que se iniciaria com o maternal, indo até a universidade. Essa visão apresentada por Perrenoud, indica que a formação de um professor não deve se limitar a adquirir truques, gestos estereotipados ou receitas sobre a prática docente. Tornar-se um profissional capaz de aprender com sua própria prática, construindo assim seu lugar, significa muito mais que isso.

De acordo com Tardif (2002), entender como o professor desenvolve seu fazer pedagógico implica em dar destaque para a ação e o pensamento dos professores, sendo este, aquele que recebe as influências ou as conseqüências decorrentes da realidade cultural e social. Esse autor caracteriza a complexidade e a pluralidade dos saberes profissionais do professor em três aspectos básicos, considerando que os mesmos são: temporais – adquiridos através do tempo; heterogêneos – provêm de diversas fontes, não formando assim uma receita de conhecimento unificado pelas próprias características de sua atividade profissional, que exigem diferentes habilidades e competências; e personalizados e situados - difíceis de dissociar das pessoas, de sua experiência e situação de trabalho.

Estudos recentes, sustentados por uma nova epistemologia da prática docente, tem reconhecido a diversidade, a complexidade, a existência de conflitos e incertezas, a necessidade de um constante reinventar de atividades, e a necessidade de transposição, diferenciação e de reorganização permanente como características essenciais e próprias da ação docente.

Com relação a formação inicial, podemos dizer que ela consiste numa junção de expectativas e dificuldades que o professor encontra no início da carreira. Além disso, é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, é com a prática que acontece o aprendizado da profissão. A partir desse exercício configura-se o modelo

do “ser professor” e se consolida então o processo de aprender a ensinar. De acordo com (GUARNIERI, 1996):

Tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente.

Pesquisas realizadas com professores em formação inicial nos Estados Unidos por Tardif (2002), mostram que o saber-ensinar originou-se muito antes da experiência vivida em sala de aula, ou seja, a história de vida social e familiar de cada indivíduo e sua vivência são fontes de aprendizagem que o sujeito vai construindo no decorrer de sua própria existência. A este tipo de desenvolvimento cognitivo designamos de: construção de saberes docentes prévios.

O professor em formação já tem previamente construído, algum modelo do que é ser um bom professor ou do professor que gostaria de ser e uma maneira de relacionar-se com a escola e com os alunos, pois traz uma certa postura profissional mais ou menos estruturada, mesmo que inconscientemente. Segundo Tardif (2002) o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, mas inclui também a existência pessoal dos professores, os quais de um certo modo aprendem seu ofício antes de iniciá-lo.

Estes saberes prévios não constituem todo o saber profissional, embora sejam muito importantes no processo de formação do professor. Existe a necessidade de incorporar outros saberes que só são construídos em cursos específicos de formação profissional, como os próprios saberes disciplinares e pedagógicos e os demais saberes construídos durante uma prática reflexiva. Ou seja, é importante destacar que este processo de formação profissional não se limita às disciplinas regulares do curso superior, pois é no desenvolvimento de sua prática que o professor vai se moldando e consolidando cada vez mais o seu estilo profissional. A respeito disso diz Tardif:

Esta capacidade de enfrentar situações é formadora; só ela permite que o professor desenvolva certos hábitos (isto é, certas disposições adquiridas na pela prática real) que lhe darão a possibilidade de enfrentar os condicionantes e os imponderáveis da profissão. (...) Nesse sentido, a prática é como um processo de aprendizagem através do qual os professores e professoras retraduzem sua formação anterior e adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servi-lhes, de uma maneira ou de outra para resolver os problemas da prática educativa.

RELATO DA EXPERIÊNCIA DAS OBSERVAÇÕES DURANTE O ESTÁGIO¹

Relatamos aqui um estudo de caso, de um aluno que está no quarto ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em uma faculdade pública da região de Londrina, cujos dados foram obtidos a partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas durante o mês de abril deste ano. O estágio é realizado da seguinte maneira: durante o terceiro ano da graduação o estagiário realiza 60 horas de observações sendo 30 horas no Ensino Fundamental e 30 horas no Ensino Médio. No quarto ano da graduação ele realiza 30 horas de regência, sendo metade no Ensino Fundamental e a outra metade no Ensino Médio. Todo o estágio é feito individualmente. No caso em foco, o estagiário que realizou suas sessenta horas de observação no segundo

¹ Neste trabalho, o professor e aluno indicam o professor e o aluno do colégio, enquanto que o estudante da licenciatura em Ciências Biológicas é designado como estagiário.

semestre do ano de 2004, com duas professoras diferentes. Seguindo a ordem das observações do estagiário, chamaremos de A, a professora de 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental e de B, a professora do 2º e 3º ano do Ensino Médio.

No desenvolver da observação, o estagiário pôde perceber diferenças essenciais entre as duas professoras. Segundo o estagiário, as professoras observadas possuíam estilos bem diferentes de docência, o que parece ter provocado fortes impressões com reflexos na sua formação inicial. Enquanto a professora A ministrava as aulas de forma apática e sem interação com os alunos, a professora B parecia desenvolver uma aula de forma dinâmica, prazerosa e ter um bom relacionamento com os alunos. Além disso, segundo o relato, a professora B conseguia chamar a atenção do aluno para sua aula, enquanto a professora A não despertava o interesse dos alunos para a aprendizagem².

Passamos a seguir, ao relato das duas observações.

OBSERVAÇÃO 1: A PROFESSORA A

ESTAGIÁRIO - Eu observava que a professora fazia sempre da mesma forma sabe: ela entrava, ela abria o livro no conteúdo que tinha trabalhado até na última aula daí... dificilmente ela explicava conteúdos, dificilmente. Ela sempre abria o livro e eles faziam leitura em voz alta ela junto com os alunos todos ao mesmo tempo... eles faziam leitura em voz alta e depois logo em seguida como todo capítulo de livro já vinham as atividades logo em seguida, e ela falava para os alunos fazerem aquelas atividades, daí sempre tinha lá do 1 ao 10 ou então quando o conteúdo era muito extenso, ela sempre ficava pela metade do capítulo e ela mesmo passava as perguntas no quadro e sempre eram do tipo estudo dirigido 10 questões sempre assim dessa forma.

O estagiário começa apontando para o que a professora fazia na sala de aula. Podemos perceber que o estagiário desaprova os procedimentos adotados pela professora, ou seja, não concorda com a maneira que ela conduz a aula e complementa logo em seguida:

ESTAGIÁRIO - eu acho que não é muito certo o professor fazer isso... o professor tem que buscar além daquilo, trazer inovação para a sala de aula, chamar atenção do aluno de certa forma sabe, fazer que cada dia seja um dia diferente para o aluno ter vontade de aprender...

O estagiário demonstra uma insatisfação com o modo com que a professora ministra suas aulas, ele sugere que o professor deva “*buscar além daquilo*”. Segundo o relato do estagiário uma aula não deve ser apenas ler o livro didático e fazer exercícios, a aula deve ser conduzida de modo a “*chamar a atenção do aluno*”. Veja o que ele fala em seguida:

ESTAGIÁRIO - porque eu praticamente no meu estudo de ensino fundamental e ensino médio não fui embasado dessa forma, foi totalmente diferente....

Aqui se percebe que o estagiário compara a postura desta professora com os seus antigos professores de ensino fundamental e médio; ele parece ter tido professores com posturas que se enquadravam melhor no perfil que o estagiário considera correto.

OBSERVAÇÃO 2: A PROFESSORA B

² Para fins de dar maior clareza, as falas transcritas foram parcialmente editadas.

O estagiário começa a se referir agora a professora designada por B, com a qual ele encontrou uma postura que, segundo ele seria mais adequada para um professor. Um dado interessante é que ela foi também a sua professora no Ensino Médio. Vejamos como o estagiário se refere a essa professora:

ESTAGIÁRIO - Ela foi a minha professora também antes de eu sair do ensino médio. Ela sempre trazia uma inovação, uma curiosidade, uma forma de chamar a atenção do aluno, é diferente sabe, ela não fica preocupada assim, eu tenho que fazer uma leitura, dar um exercício pro aluno fazer..., não ela faz com que o aluno trabalhe um pouco a perspectiva, a visão, tenta trazer para a vida do aluno qual a importância daquilo ali, é muito diferente sabe, nada a ver com a outra professora. Mesmo sendo uma aula expositiva. Mas é uma conversa, não seria uma aula e sim uma conversa com os alunos em que ela transmite os conteúdos, eu pude notar que ela diferenciou bastante em relação à professora da outra instituição.

Na fala acima o estagiário, demonstra que a professora tem uma maneira mais interativa de dar aula. Parece que o professor relaciona o conteúdo que estão estudando a realidade do aluno, que tenta inserir o aluno no transcorrer da aula de modo que o aluno participe. No final da fala acima abaixo ele deixa claro que existe uma diferença entre o trabalho das duas professoras: *“eu pude notar que ela diferenciou bastante em relação à professora da outra instituição”*. Em certo momento ele diz:

ESTAGIÁRIO - ela sempre estava trazendo coisas diferentes, ela sempre começava uma aula diferente em relação à aula passada. Estaria construindo melhor o aprendizado dessa forma sabe, porque ela estava levando o aluno a pensar melhor aquilo, qual seria a resposta dele em relação aquilo o que estaria acontecendo ali...

No trecho acima o estagiário relata que a professora sempre *“começava uma aula diferente em relação à aula passada”*, ou seja, o fato de a professora não deixar a aula cair numa rotina, parece que, segundo o entrevistado, contribui para manter os alunos mais atentos a aula e levá-los a construir *“melhor o aprendizado”*. Ao que parece, o estagiário tenta arrumar argumentos teóricos que justifiquem sua preferência pela segunda professora.

Além da maneira pela qual a professora B conduz sua aula, outro fator chama a atenção do estagiário:

ESTAGIÁRIO - Eu notei que com essa professora que eu observei, os alunos não tinham somente aquela relação: a ela é minha professora e eu sou aluno dela. Não, tinha uma coisa, além disso, sabe... Mas não só em sala de aula... Em sala de aula a gente via que tinha um certo carinho envolvido. Mas assim na hora do intervalo, por exemplo, quando ela estava descendo as escadas, indo para a sala dos professores, ela encontrava com um aluno, outro e *“oi fulano”*, oi isso, aquilo tal, dá uma risada, um oi, tal, uma conversa. Isso pode parecer insignificante pra muita gente, mas só que às vezes pra uma criança, um adolescente que não tem um oi, um carinho do pai em casa, é diferente... sabe... E eu notei essa certa diferença porque os alunos tinham um respeito por ela sabe, assim uma certa admiração...

Para o estagiário a atenção, o carinho, o bom relacionamento na construção da relação professor-aluno é outro fator fundamental para ser professor, explicitado na fala *“os alunos não tinham somente aquela relação: a ela é minha professora e eu sou aluno dela... a gente via que*

tinha um certo carinho envolvido". Este parece ter sido um outro ponto de impacto das observações realizadas por este estagiário. Ao comparar as atitudes das duas professoras, sobressai para ele o papel importante de uma boa relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem, o que não se limitaria à sala de aula. Na seqüência dessa fala ele faz uma comparação entre as duas professoras a respeito do relacionamento com os alunos:

ESTAGIÁRIO - Com a outra professora (A), os alunos não demonstravam assim afeição, aproximação por ela; eles sempre se mostravam restritos; apenas ela estava ali para ensinar alguma coisa pra vida, alguma coisa de conteúdo e apenas isso nada mais e saindo da porta pra fora acabou, era tudo normal não tinha mais nada. Eu acho até que dificilmente se perguntasse pra ela qual é o nome de um aluno acho que dificilmente ela saberia.

A diferença existente entre a professora A e B, fundamental para o estagiário, o leva a considerações sobre o que é ser professor, que parecem trazer implicações para a construção de sua identidade profissional futura, conforme a transcrição abaixo:

ESTAGIÁRIO - O professor hoje em dia, não deve se prender apenas a conteúdo, a livro didático, ele não deve olhar o aluno apenas como um objeto que está ali, como muitos hoje em dia olham, ele tem que buscar mais o aluno, sabe. Buscar o aluno além do ser humano; ele tem que buscar ali...o indivíduo que está se preparando pra viver sabe, porque até então, ele não é formado pra isso, ele ainda não tem um relacionamento, o relacionamento às vezes ainda é tão estreito entre a família em casa pai, mãe, irmãos; então é diferente.

Passemos agora à interpretação dessas falas.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a interpretação dos dados apresentados neste trabalho usaremos a idéia de *identificação*, conceito da psicanálise freudiana (Freud, 1921). Na psicanálise, a identificação é tida como a ligação emocional que uma pessoa desenvolve com outra. Um menino, por exemplo, terá maior interesse pelo pai, gostaria de tomar as mesmas atitudes que ele, ter as mesmas preferências, enfim ser como ele. O garoto apresenta uma identificação com o pai e o toma como modelo. Seguindo os referenciais psicanalíticos, a identificação pode tornar-se expressão de ternura e de aproximação com tanta facilidade quanto uma vontade de afastamento de alguém. Essa vontade teria a ver com uma escolha inconsciente, envolvendo uma satisfação também inconsciente.

Nós podemos nos relacionar com as pessoas de duas maneiras: através da identificação ou como um objeto. Na maior parte das vezes, as duas coisas ocorrem ao mesmo tempo. É importante, portanto estabelecer a diferença que existe entre se identificar com uma pessoa ou manter com ela uma *relação de objeto*. A identificação aponta para o que gostaríamos de ser, enquanto que na escolha de objeto trata-se do que gostaríamos de ter. Essa distinção depende do laço se ligar ao sujeito ou ao objeto. Na identificação há um esforço em moldar o próprio ego segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo. O ego às vezes copia a pessoa que não é amada e em outras vezes a que é. A identificação é parcial e limitada, tomando emprestada apenas um traço isolado da pessoa que é seu objeto.

Quando o estagiário fala sobre a professora A, fica evidente que ele fala a partir de sua *não identificação* com a professora, pois o estagiário julga esta professora de modo a apontar para o que não deveria ser feito. Ele diz: "*eu acho que não é muito certo o professor fazer isso*"

e entende que um professor deveria fazer diferente. Mas diferente como? A professora B é quem lhe dá um modelo a ser seguido.

Vemos que no caso da professora B, o estagiário a avalia de forma oposta. Ao relatar suas observações sobre essa professora, fica exposto de forma clara uma identificação muito forte deste estagiário com ela, onde a sua postura e o modo de conduzir a aula parece agora ser algo que o estagiário concorda e admira. Essa identificação parece ter se estabelecido na época que o estagiário era aluno da professora B, durante o Ensino Médio. O ponto forte dessa identificação é a relação que a professora mantém com os alunos, a presença de “*um certo carinho envolvido*” entre a professora e os alunos.

Através das comparações que o estagiário estabelece entre as professoras sob observação e seus antigos professores, é claramente perceptível nas falas do estagiário como uma visão do que é um professor já está em andamento durante o ensino fundamental e médio. O estagiário, por exemplo, faz uma comparação entre a professora A e os seus antigos professores: “... *porque eu no meu estudo de ensino fundamental e médio não fui embasado dessa forma, foi totalmente diferente...*”. Tais saberes são aqueles que provêm da ‘formação escolar anterior’, como diz Tardif (2002):

...uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provem da sua própria história de vida, principalmente de sua socialização como aluno... essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente (Tardif, 2002).

Entretanto, os julgamentos que os estagiários fazem sobre os professores regentes no momento da observação só fazem sentido na medida em que eles já estão em processo de construção de uma visão de ser professor no momento da observação (ou seja, antes da regência de classe). Essa observação agora, durante o estágio supervisionado, parece diferir fundamentalmente da sua posição na época em que era aluno. Na situação de aluno, temos observado que o sujeito se limita a dizer que gosta ou não gosta de um ou outro professor; mas na formação inicial, quando está pensando em se inserir na profissão, já avalia em termos de o que faria naquela posição e se ele gostaria ou não de ser um professor com aquelas características. Há, portanto, nesse caso, uma preocupação de ordem profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados recolhidos, que apresentamos neste trabalho, demonstram as diferentes visões que o estagiário possui sobre as professoras A e B. A partir de suas observações ele tira conclusões e estabelece valores que pretende seguir futuramente em sua vida profissional. A nossa hipótese é que tais reflexões são precedidas de um processo de identificação (ou não). Ou seja, as reflexões do estagiário que traçam diretrizes futuras para a sua ação docente são conseqüências de um processo anterior, cujas raízes remeteriam ao inconsciente do sujeito.

O caso aqui analisado aponta, portanto, para a importância de se entender os processos de identificação, pois isso se torna fundamental na constituição do futuro professor. A professora com a qual o estagiário se identificou positivamente, provavelmente, vai servir como um modelo para a sua atuação futura, quando este se inserir dentro de uma sala de aula. Enquanto a professora A será tomada como um contra-modelo, ou um modelo a não ser seguido. Muitas vezes temos observado que é mais fácil para o estagiário saber o que não quer ser do que o que quer. Ou seja, parece ser mais comum a observação de contra-modelos do que de modelos positivos.

Como esta pesquisa ainda está em andamento procuramos tecer apenas algumas considerações finais sobre os dados apresentados, explorando o conceito de identificação. Este conceito permite diagnosticarmos que o sujeito, no decorrer do estágio pode (ou não) se identificar com o professor regente, quando esta identificação ocorre o estagiário passa a ter este professor como um modelo que ele tem como exemplo de atuação. Já quando a identificação não ocorre, o estagiário vê naquele professor tudo o que ele não quer fazer quando iniciar a sua carreira docente.

Poderia ser argumentado que o fato de utilizarmos dados em que um dos professores que o estagiário observou ter sido seu professor durante o ensino médio e pelo qual o estagiário já nutria simpatia pedagógica prévia, pode configurar um problema metodológico. Nós não acreditamos nisso, ao contrário. Ou seja, é exatamente por essa razão, por esse caso explicitar tão claramente o processo de identificação, que a hipótese da sua importância pode ser levantada, o que nos permite focalizar a partir de uma perspectiva psicanalítica o problema da construção da identidade do professor. Tanto faz, a princípio, se a identificação ocorreu enquanto aluno ou durante o estágio. Além disso, os alunos mantêm contato com inúmeros professores sem se identificarem ou apresentando, na verdade, não-identificações, o que reforça a nossa hipótese que o fenômeno da *identificação* é um dos aspectos fundamentais na construção da identidade docente.

Ao tentar entender o impacto causado pelo estágio nos estudantes de licenciatura, a nossa investigação também se defronta com o problema teórico do aprofundamento na compreensão do conceito de *identificação*. Nesse trabalho ele está sendo entendido em uma primeira aproximação dos textos de Freud, mas temos consciência que esse conceito não é tão simples, possuindo um significado um pouco diferente em Lacan. O próximo passo será então entender e aplicar a identificação a partir dos conceitos lacanianos de ideal de eu e eu ideal.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. In: A edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2000. v.11
- GUARNIERI, Maria Regina. Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência. São Paulo, Autores associados, 2000.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 4 Ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.